



MACÊDO, Lucíola.

Primo Levi e a poesia.

Rio de Janeiro: 7Letras, 2025.

do escritor italiano Primo Levi (1919-1987), sobrevivente por onze meses no campo de concentração, precursor e um dos maiores nomes da literatura de testemunho do século 20.

Se o primeiro estudo, *Primo Levi: a escrita do trauma* (Subversos, 2014), livro finalista do Prêmio Jabuti em 2015, possa ser considerado tratar

RESENHA

Primo Levi e a poesia

ELAINE MARTINS¹

(CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS)

*Vozes mudas desde sempre, ou de ontem,
ou recém-extintas;
Se apurar o ouvido ainda vai notar seu eco.
Vozes roucas de quem já não sabe falar.
Vozes que falam e já não sabem dizer.
Vozes que creem dizer,
Vozes que dizem e não sabem entender:
Coros e címbalos para contrabandear
Um sentido à mensagem que não tem sentido,
Puro rumor para simular
Que o silêncio não é silêncio.*

“Vozes”, de Primo Levi

essencialmente de psicanálise, já se lê ali a ruína traumática que afeta o corpo e o pensamento do escritor reverberando na língua do trauma que, em última instância, é a língua da poesia. Lucíola Macêdo identifica uma necessidade incontrolável de narrar o que se passou nos campos de concentração por Primo Levi que inventou uma maneira de transmitir a experiência do Holocausto, constituindo um “dever de memória” por meio de uma “escrita-lego”. Isso porque o testemunho é diferente da descrição ou da demonstração do que aconteceu e, enquanto construção discursiva, jamais dá conta de expressar o acontecimento em sua totalidade. Daí a captura da dimensão poética do testemunho do escritor italiano, em cuja obra, para a autora, o poético se encontra no político e o político no poético.

No seu novo livro *Primo Levi e a poesia* (7Letras, 2025), Lucíola Macêdo extrai do seu primeiro estudo e da própria literatura de Primo Levi a poesia. Ao percorrer os escritos, as narrativas breves, os poemas e os arquivos sobre o químico italiano, a autora elucida o lugar simultaneamente extraterrestre e central que a escrita poética ocupa na obra do escritor. A experiência da poesia é lida como germe da sua produção literária, pois a escrita poética é operada de modo disruptivo e fragmentário. A palavra poética antecede as construções em prosa ou acontece em simultaneidade com elas, numa busca de traduzir o intraduzível, dizer o indizível e/ou contornar o incontornável.

Na orelha, Newton Bignotto, professor titular de Filosofia da UFMG, ressalta o rigor e o exímio conhecimento da autora-leitora de Levi e afirma que o livro abre novas vias para o acesso ao trauma das experiências limites que foram vividas por milhões de pessoas em nosso tempo, alargando a

.....
1. Professora de Estudos de Linguagens e Processos Editoriais do CEFET-MG mestre em Teoria da Literatura pela UFMG e doutora em Literatura Comparada pela UFMG / Università degli studi di Roma “La Sapienza” (Itália).



compreensão de uma região do humano que resiste a outras formas de expressão.

O novo livro também abre para público brasileiro uma faceta pouco explorada da obra traduzida no país: a da poesia de Primo Levi. Para tanto, a pesquisadora mobiliza um importante repertório de literatura, filosofia, história e psicanálise. Ela não se limita à antologia de poemas publicada no Brasil *Mil sóis: poemas escolhidos* (Todavia, 2019), ao contrário, perscruta a obra de Levi, original e traduzida, ou seja, relatórios, entrevistas, contos, testemunhos, ensaios, romance, poemas etc., e assegura que o poema tem um caráter fundante e uma anterioridade lógica em relação à prosa do escritor, que inseriu poemas como epígrafes de seus livros de prosa.

Do primeiro testemunho, *É isto um homem?* (1947), Lucíola Macêdo traz o exemplo do poema-epígrafe “Shemà”, de onde o escritor extraí o verso que empresta o título ao livro: “Shemà // Vós que viveis seguros/ Em vossas casas aquecidas/ Vós que achais voltando à noite/ Comida quente e rostos amigos/ Considerai se isto é um homem,/ Que trabalha na lama/ Que não conhece paz/ Que morre por um sim ou por um não [...].” Do testemunho *A trégua* (1973), examina “Wstawać” [Levanta]: “Wstawać // Sonhávamos nas noites ferozes/ Sonhos densos e violentos/ Sonhados com corpo e alma:/ Voltar; comer; contar./ Até que soava breve e abafado/ O comando da aurora:/ ‘Wstawać [...]’.”

Além da “Carta ao leitor”, o livro constitui-se de seis capítulos, que podem ser lidos como ensaios independentes, e um posfácio. No primeiro, “Sonho, poesia e política”, a escrita de versos é aproximada do sonho da política quando se permite escrever o inimaginável tangenciando o trauma. “Os poemas, tal como os sonhos, acontecem à sua revelia. É ele mesmo quem o diz, como poeta bissexto que se considera, que escrever versos não tem nada a ver com nenhuma outra atividade que conheça, e tal como os cogumelos, os poemas ecodem inesperadamente, onde menos se espera.

Diferentemente do testemunho, “em primeira pessoa”, a poesia eclode do ‘Es’, de um lado de si próprio que percebe como obscuro, noturno, visceral, e em grande parte inconsciente”.

A autora começa a traçar uma cartografia do mundo onírico e do fantástico bestiário de Primo Levi a partir de elementos dos reinos animal (elefante, rato, mosca, dromedário, caracol, toupeira, molusco etc.), vegetal (agave etc.) e dos artefatos humanos (ponte etc.). Em “Agave”, a autora sinaliza as tensões e as reversões da mudez em voz e em grito: “Sou muda. Falo apenas minha língua de planta, / Difícil de você entender, homem/ É uma língua em desuso.../ Esperei muitos anos até expressar / Esta minha flor altíssima e desesperada/ Feia, lenhosa, rígida, mas lançada ao céu / É nossa maneira de gritar que/Vou morrer amanhã: me entende agora?”

Para além da dimensão temática, o poema “Agave” permite ainda se pensar no modo de expressão do poeta que, metamorfoseado de planta ou no devir planta, busca dentro da língua a sua própria língua tendo a marca do trauma como matéria da poesia. Essa marca será o tema de “Abertura”, segundo ensaio do livro. Considerando que a catástrofe perpetrada no seio da máquina nazista implicou em questões de longo alcance para a política, a cultura e a literatura, a autora coloca que “à controversa assertiva de Adorno de que escrever um poema após Auschwitz seria um ato bárbaro se agrega a objeção de Primo Levi, ao invertê-la: depois de Auschwitz, não é mais possível escrever poesia, que sobre Auschwitz”.

Como resposta a essa catástrofe, lembra a autora, Primo Levi testemunhou, servindo-se da fala e da escrita tornando-se, a partir de sua condição de sobrevivente, um escritor. Com Jacques Racière, que recorreu às narrativas de testemunho como um novo tipo de arte, chega-se também à escrita poética de Levi: “Trata-se menos de narrar o acontecimento que de testemunhar um acon-



teceu que excede o pensamento, não só por seu excesso próprio, mas porque é próprio do aconteceu exceder o pensamento. Testemunha-se, desse modo, do desacordo essencial entre aquilo que afeta e aquilo que o pensamento é capaz de elaborar. É próprio desse novo tipo de arte inscrever o rastro desse irrepresentável”.

No terceiro ensaio, “A ‘coisa nazista’ e a ‘coisa-coisa’”, a zona cinzenta (formada pela classe híbrida de prisioneiros e funcionários dos campos de concentração) é examinada pela pesquisadora que demonstra, talvez de forma inédita, que esse conceito encontra as suas raízes na poesia. Ela articula o “cinzento” como metáfora à “zona cinzenta” como conceito. A partir de um rico estudo da literatura de testemunho, Lucíola Macêdo explora também os poemas “Buna”, “Crescenzago” e “Poeira”.

Em “Um pesadelo, um poema”, quarto ensaio, o murmúrio, o rumor da língua (com Roland Barthes) e o eclipse da palavra (com Paul Celan) são lidos na produção em prosa e em versos do escritor. Os poemas “Caroço”, “O sobrevivente” “Shemà” e “Vozes” ganham destaque, bem como a relação do químico com a própria escrita. “Foi mesmo a química quem conduziu Levi à poesia. A conjunção, em sua escrita, entre química e poesia se deu por caminhos incomuns, atravessando o realismo e a materialidade da escrita - princípios que transpostos da química para o poema e para a prosa, conferiram à sua escrita um dos traços de seu estilo. A química como método de escrita se constituiu como letra e metáfora, como quadro e moldura, não através de uma confusão de registros, mas de uma multiplicidade de planos, em cujo movimento se realiza a qualidade literária de seu texto, como também, sua literalidade”.

Já no quinto ensaio do livro, “Vórtice”, as leituras de Dante e Ulisses mobilizam o hibridismo da linguagem poética. A pesquisadora relaciona a metáfora do vórtice à centralidade da figura de Dante Alighieri na obra do “escritor outsider”. Por

último, “Rastilhos”, sexto ensaio, funciona como um fechamento em que a autora lança uma pergunta e uma reflexão sobre a presença da poesia de Primo Levi no Brasil.

O posfácio, “O testemunho, entre o poético e o político”, é um ensaio sobre o romance *K. - Relato de uma busca* (Cosac Naify, 2024) e suas interlocuções com a literatura de testemunho e, por extensão, com a obra do escritor italiano que “forçando a linguagem, de lacuna em lacuna, transmite a catástrofe através do testemunho, das narrativas breves e da poesia”.

Ao invés de demonstrar a impossibilidade da poesia no após Auschwitz, o estudo de Lucíola Macêdo abre uma nova forma de pensar a dimensão do testemunho a partir da extração da própria poesia e delineia o projeto estético e político do escritor sobrevivente em sua intrínseca relação com a palavra poética. É, portanto, livro necessário para leitores - iniciantes ou iniciados - de Primo Levi. ●